

**TRIBUNA Livre**23  
AGOSTO  
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62112 - AMARES

**PADROEIRO DA EUROPA  
E DO OCIDENTE**

≡ Por EME ≡

Não deixa de ser curioso anotar a distinção que, por bula papal, foi conferida ao nosso muito amado S. Bento, cuja devoção se estende por esse Portugal além e que de um modo especial se conserva em todo o norte do País.

Compreende-se, perfeitamente, o acerto de S. Santidade ao escolher este valioso padroeiro para a denegrida Europa, para este velho baluarte da civilização cristã que fez irradiar em todo o mundo a fé em Cristo, revolucionando os costumes e fazendo desabrochar a humanidade em florões de amor ao próximo.

Nascera o Cristianismo nessa encruzilhada do mundo que se chama Oriente Médio, mas logo foi transplantado para a Europa e aqui cresceu por entre cardos e abrolhos, sempre amparado por gigantes da fé, como S. Bento, que nenhum outro excedeu em virtude, como em zelo apostólico, demonstrado através da sua poderoso ordem religiosa, que tantas bênçãos espalhou por todos os recantos da Europa.

As ordens pré-benedictinas, que as havia já em prosperidade no século V em que nasceu S. Bento (480), adoptavam alguns preceitos orientais, desconexos, e eram de tal forma instáveis que, dentro do mes-

mo mosteiro, seguiam-se regras diferentes.

Numerosos concílios esforçaram-se, em vão, por submeter estas ordens monásticas a regras mais uniformes e sobretudo à autoridade episcopal.

Foi, porém, S. Bento, o homem escolhido por Deus para reformar as ordens ocidentais, tal como o havia já feito S. Basílio no oriente.

Nasceu em Nursia (Itália), de pais ricos e considerados, que o educaram com todo o esmero cristão.

Levado depois a completar a sua educação em Roma, empório da fé e da cultura, cresceu rapidamente em ciência e santidade.

A seu espírito brilhante ofereceu-se-lhe o mundo com fama e riqueza, mas S. Bento a tudo despreza e busca refúgio nas cavernas desérticas, para em contínuos colóquios com Deus, seu verdadeiro mestre, lhe render todo o culto, todo o íntimo afecto de alma pura e generosa.

Ali mesmo, na austeridade do seu eremitério, é tentado rudemente e para vencer o implacável inimigo da carne, desperse e lança-se de roldão pelo silvado, dilacerando a carne inocente nos espinhos,

(Continua na 5.ª página)

**A Santa Casa da Misericórdia deste Concelho  
VAI TER SEDE PRÓPRIA  
graças à oferta de um edifício**

Na quinta feira da semana finda, em sua sessão ordinária, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia deste Concelho, tomou conhecimento da oferta que lhe foi feita por uma comissão, de um edifício para sua sede.

Trata-se de uma construção

**Presidência da Comissão  
Municipal de Assistência**

**Chegou ao nosso conhecimento que vagou, ou vai vagar, o lugar de Presidente da Comissão Municipal de Assistência, em virtude de se ir ausentar do nosso concelho o Snr. P.e Avelino dos Santos Alves, pároco de Dornelas.**

**Coração generoso, espírito culto, alma de eleição, deixa, no clero concelhio uma lacuna difícil de preencher, além da vaga daquele lugar, que desempenhava depois do falecimento do Snr. Arcipreste. Desde que nós conhecemos, aquele lugar foi sempre desempenhado por elementos**

(Continua na 4.ª página)

ampla e ainda em acabamento, a qual permite não só a instalação dos serviços já em funcionamento como o ampliamiento dos mesmos.

Edifício de linhas sóbrias, faz parte de um conjunto que inclui mais dois edifícios, um de cada lado, conjunto esse que permitirá a satisfação de todas as necessidades da Misericórdia no presente e no futuro, especialmente no tratamento e internamento de doentes.

Esta construção compõe-se de 11 divisões e as obras continuam, propondo-se a Comissão, com a ajuda de todos, levá-las até ao seu termo.

Avisadamente a dita Comissão tomou todas as providências para que tudo esteja a ser feito dentro dos moldes exigidos, o que facilitou a missão da mesa que, tem nesse sentido, a colaboração e aprovação das esferas superiores.

Dada essa concordância e oferecida a ajuda de quem de direito, resta ao povo bom do concelho unir-se e ajudar a sua

mais representativa entidade assistencial a continuar a sua obra, agora com horizontes largos e mais certos.

Segundo sabemos, várias foram já as pessoas que deram vultuosos subsídios à Comissão que tanto tem trabalhado, e outros se preparam para dar o seu óbulo de maneira a que não haja interrupção nesta obra magnífica que tanto vai servir o Concelho.

O que ontem só se admitiria por milagre, é hoje uma realidade visível dada a generosidade das pessoas que se não negam a contribuir e que sabem quão grande é a função da Misericórdia e quanto necessário é que a sua acção se amplie, de maneira a ajudar os que precisam.

Diariamente, dezenas de pessoas são atendidas naquela instituição, quer usando a consulta que lhe é facultada, quer recebendo remédios ou tratamentos.

(Continua na 3.ª página)

**ALGUNS PASSOS DENTRO DE ESPANHA****VIGO, A RIA E A MARGINAL**

II

*As belezas naturais do solo espanhol, nesta província, são muito parecidas com as nossas, como, de resto, estamos cheios de ouvir e ver.*

*Subir ao cimo do Monte da Senhora da Guia é divisar um panorama encantador; não precisamos, porém, de ir longe se quisermos ver, cá dentro, coisa idêntica: basta subir o Monte de Santa Luzia, ali junto de Viana do Castelo.*

*O Monte Crasto é de admirar; fica, todavia, à quem do nosso Bom Jesus — Sameiro embora o suplente para quem fôr bom gostrónomo e ali queira fazer o gosto ao dente. De resto, em Vigo, parece-nos que se come bem, o que é desde logo favorecido pela abundância de mariscos e da famosa pescada.*

*A «Colegiada» segue a linha dos nossos velhos templos ajudada pela sobriedade das suas pedras carcomidas e pela fé que o seu passado inspira. A Ria é dádiva magnífica da natureza que criou um lençol rico*

*em frente do aglomerado urbano, dando-lhe a riqueza do mar e o cunho marítimo das terras vizinhas deste.*

*Mas Vigo não é só a cidade dos templos, dos jardins, dos Panoramas, da Ria e das CALLES, isto é, a cidade nua à vista de todos.*

*A cidade tem também os seus bastidores em que cada um pode prescrever as suas intimidades e abalzar dos seus costumes. O forasteiro gosta, em*

(Continua na 5.ª página)

**Dr. António José da Costa**

Segue, hoje, em viagem turística para a Espanha, França, Bélgica, Holanda e Alemanha, o sr. dr. António José da Costa, nosso estimado Director. O seu regresso só se deve verificar em meados do mês próximo, estando no programa incluída uma visita de alguns dias à Feira de Bruxelas.

De França, regressou, esta semana, o nosso amigo sr. Padre Avelino dos Santos Antunes,

**Vila Real, que tão linda és...**

Se falarmos em Vila Real — cidade, concelho, distrito ou capital de província — teremos pronunciado a todos os títulos o nome de uma terra encantadora, rica e hospitaleira!

Se nestas descoloridas linhas ou nas gravuras que as acompanham quisermos prestar uma referência àquele rincão lusitano, não o faremos sem o espírito de homenagear os fidalgos vilarrealenses, dos quais temos alguns a ilustrar o número dos nossos leitores, assinantes e amigos.

Não falaremos hoje das suas estâncias de cura e repouso, que Vidago e Pedras Salgadas, Carvalheiros e Chaves, Vila-real da Raia ou as Caldas de Moledo e de Carlão e as águas de Sabrosa, são todas bem conhecidas por benéficas e salutares.

Não iremos citar as inúmeras fontes de riqueza mineral, que todos sabem que esta região é das mais ricas nesse género. Que o diga quem conhece Sabrosa, Cerva, Borralha, Mondim, etc., etc.

Dos seus muitos e valiosos monumentos nacionais (embora nem todos devidamente conservados) teremos uma oferta do concelho no seguinte: palácio

(Continua na 6.ª página)



CURVA DO MARÃO

## TRIBUNA DO LEITOR

Tivemos o prazer de receber a visita do nosso dedicado assinante, Sr. Lourenço José Baptista da Silva, residente em Lisboa, que nos veio trazer palavras de incitamento e apreciação pelo quanto temos feito para manter o nosso Semanário no alto nível em que se encontra. Mostrou-se surpreendido com as nossas instalações tipográficas, que honram a terra. Gratos por tudo que ouvimos.

\* \* \*

Recebemos ainda uma carta do nosso assinante ausente em Angola, Sr. Alberto da Silva Pereira que, apesar de não ser natural deste concelho, mas da vizinha freguesia de Crespos, do concelho de Braga, é grande admirador do nosso jornal e procura fazer-lhe o devido reclame. Sugere a criação de uma secção noticiosa de Braga, assunto que nos mereceu a melhor atenção e que se encontra em estudo.

Agradecidos.

\* \* \*

Registamos também o nome do Sr. Avelino Malheiro Ve-

loso, ausente em Lisboa, que deseja largas prosperidades a «Tribuna Livre» e nos lembra que se faça a cobrança como havíamos sugerido em Maio último, por aviso individual dirigido a todos os assinantes. Obrigados.

\* \* \*

Para assistir à festa de aniversário natalício de seu filho António Joaquim da Silva, funcionário do Depósito de Material Sanitário, deslocou-se a Lisboa, com sua esposa, o Sr. Carlos Avelino da Silva, Ao aniversariante e a este nosso dedicado assinante muitas felicidades.

\* \* \*

Passou o 54.º aniversário natalício, em companhia de sua esposa, filha e genro, o Sr. David de Sousa, funcionário da Fábrica do Ouro da Estrada de Benfica, a quem desejamos longa vida.

Parabéns.

### Visado pela Censura

## Constituição da Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga

Por Alvará de 23 de Julho passado, Sua Ex.ª o Ministro das Corporações e Previdência Social aprovou os Estatutos da Federação das Casas do Povo do Distrito de Braga.

Foi assim dado despacho favorável ao requerimento que, para o efeito, havia sido dirigido a Sua Excelência pelos dirigentes de todas as Casas do Povo do distrito e que foi assinado durante uma reunião que se realizou na sede da F. N. A. T., conforme a imprensa noticiou, na altura, largamente.

O novo Organismo Corporativo que agora se criou e que é intermédio da Corporação e goza de personalidade jurídica, tem as seguintes atribuições:

1— Coordenar a actividade das Casas do Povo federadas;  
2— Representar as Casas do Povo nos concelhos da corporação da Lavoura;

3— Promover, na sua área, a constituição, desenvolvimento e o aperfeiçoamento das Casas do Povo;

4— Estabelecer acordos com os diferentes serviços do Estado, as autarquias locais, os organismos e instituições de previdência e assistência particular, em ordem à plena realização dos fins das Casas do Povo;

5— Colaborar, nos termos da legislação vigente e dentro da esfera das suas atribuições, na execução das medidas tendentes à formação do espírito social e da consciência corporativa;

6— Fomentar a criação e o

desenvolvimento dos serviços sociais corporativos e do trabalho, previstos na Lei n.º 2.085, de 17 de Agosto de 1956;

7— Tomar a iniciativa da construção de casas para trabalhadores rurais ou da beneficiação das já existentes e cooperar na execução de providências que visem a mesma finalidade;

8— Negociar com a Federação de Grémios da Lavoura da respectiva área convenções colectivas de trabalho;

9— Estudar, por si ou em colaboração com a Federação — de Grémios da Lavoura da respectiva área os problemas relativos ao trabalho agrícola;

— Exercer as funções políticas conferidas por lei, incluindo as que já foram definidas em relação às federações de grémios e de sindicatos nacionais.

Em face do que fica exposto muito há a esperar da acção futura do Organismo de que anunciamos o nascimento, pelo que é com forte esperança que saudamos o seu aparecimento e fazemos votos para que a sua missão coordenadora e orientadora seja facilitada pela compreensão e boa vontade de todos os que por seu intermédio, directa ou indirectamente, hão-de colher benefícios.

Lede e anunciai na  
«Tribuna Livre»

## A Defesa Civil e a

# hora que passa

## A divisão territorial. Critério geral

validade fundamental do inimigo é:

a) — Quebrar o moral da população civil;

b) — Aniquilar ou destruir o potencial de guerra, visando particularmente os meios de transporte, as instalações portuárias, as indústrias básicas;

c) — Impedir ou dificultar ao máximo a acção governativa e administrativa, criando condições favoráveis à defecção, à subversão interna ou à ocupação.

Só uma arma se pode opor aos desígnios do inimigo, a Defesa Civil do Território.

Quereis evitar o colapso e sobreviver aos efeitos desastrosos duma guerra futura?

Frequentai os cursos da D. C., pois esta abre as suas portas a todos os patriotas.

\* \* \*

À D. C. T. são atribuídos os seguintes objectos:

1.º — Preparar, organizar e pôr em execução as medidas tendentes a reduzir as baixas e os danos produzidos no sector civil da Nação, resultantes de luta armada ou de grave emergência em tempo de paz.

2.º — Colaborar na vigilância do espaço aéreo e das áreas sensíveis territoriais que revistam especial interesse para a vida da Nação e, bem assim, vigiar a actuação de elementos externos ou internos que procurem provocar danos de qualquer natureza no interior do território nacional.

3.º — Colaborar na preparação da defesa moral do País, no sentido de fortalecer o espírito de vitalidade e de resistência da população e firmar a coesão nacional em face do perigo.

Há que efectuar a divisão de responsabilidade, quanto à Defesa Civil do Território, no território metropolitano. Nessa divisão, que deve ser clara, intervêm os seguintes factores:

— Limitações na aplicação dos princípios;

— Categoria de provável extensão dos acidentes;

— Divisões existentes do território nacional;

— Organização da Legião Portuguesa e ligações desta.

O primeiro e o segundo apontam os três escalões de organização:

— Local; — Distrital; — Nacional,

já que o distrital parece ser, em extensão a área propícia a uma conveniente ajuda-mútua.

O terceiro aponta-nos vários tipos de divisão possível como o militar, o provincial e o distrital. Este último afigura-se como o melhor, não só por assuas subdivisões (concelhos e freguesias) estarem perfeitamente definidas, como em razão do quarto factor ser, neste aspecto, decisivo só por si. Dos três escalões de organização relativos à responsabilidade permanente de comando, local, distrital e nacional, os dois primeiros deverão ser divididos em tipos, consoante as características locais ou distritais.

### Se não sabe, aprenda com a Defesa Civil

Quia os primeiros socorros a um sinistrado com hemorragia

Hemorragias Externas

a) — Deitar o sinistrado. Exceptuam-se os casos em que o sangue corre da cabeça ou dos membros; porque nestes casos há vantagem em manter o doente erguido ou levantar o membro que sangra.

b) — Descobrir o local que sangra, abrindo ou rasgando o vestuário. Não descobrir nem rasgar mais do que o necessário para uma boa exposição da ferida.

c) — Retirar os corpos estranhos existentes em redor da ferida. Não tentar extrair os corpos estranhos encravados na ferida.

d) — Tamponar provisoriamente a ferida, aplicando um penso ou lenço limpo.

e) — Colocar um penso apropriado sobre a ferida, fazer compressão e ligar. O penso individual, que faz parte da bolsa Sanitária do pessoal da D. C., satisfaz perfeitamente para o tratamento oclusivo de urgência. Na sua falta qualquer outro penso pode servir.

f) — Nas feridas dos membros, quando o penso oclusivo não for suficiente para parar a hemorragia, deve colocar-se o garrote (compressor de borracha ou fita compressor).

A Defesa Civil, espera-vos

Na guerra moderna, a fi-

D. C. T. — A colaboração de cada um, para a protecção de todos nós!

Primeiros Socorros

Damos hoje algumas indicações, muito sumárias, sobre a maneira de prevenir contra o «estado de choque».

O indivíduo em estado de choque apresenta a pele pálida, fria e húmida. O pulso bate rapidamente (cerca de 100 pulsações por minuto). Por vezes desmaia, além de transpirar.

O tratamento a seguir, é o que indicamos:

— Deite o doente e embrulhe-o em qualquer coisa que o aqueça.

— Evite-lhe emoções.

— Ponha a cabeça da vítima ao mesmo nível ou mais baixa que o corpo.

— Se fôr possível, dê-lhe uma solução de:

Sal, 1 colher de chá;  
Bicarbonato de sódio, 1/2 colher de chá;  
Água, 1 litro.

Dê esta solução na quantidade máxima que o doente suportar.

Nada dê por via bucal, se a vítima estiver inconsciente ou com vômitos, pode sufoca-la. J. A.

\*\*\*\*\*

## A «Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

\*\*\*\*\*



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES



# MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Logo se viram, porém, sufocados os trabalhos em seu nascimento pela coincidência da 2.ª invasão francesa, o que aconteceu exactamente nos dias da abertura dos alicerces; tudo ficou suspenso até que o mesmo prelado se recolheu ao mosteiro, depois da expulsão do inimigo.

E da participação activa que os religiosos de Rendufe tomaram neste importantíssimo acontecimento histórico há de tratar-se em seu devido lugar.

Pouco se adiantou até à nomeação do novo dom abade, Frei José do Pilar, até que conseguiu-se licença para trabalhar nos terraplanamentos, nos domingos de tarde, afim de mais rapidamente se atingir o fim como convinha.

Bastante espaçosa, com uns 30 metros de comprimento por 8 de largura, ficou posta sobre pequena elevação, à já referida distância da primitiva, de muito menores proporções e era no sítio ainda designado por «Adro,» que ficou sendo de particular.

Marcado o dia para a solenidade da entronização do S. S. e celebração da primeira missa, foi, por deferencia, convidado Frei Sebastião de Santa Rita, que então era abade de S. to Tirso.

Tem um torreão com dois sinos e pensa-se na construção de uma torre e salão paroquial.

O altar de S. Sebastião, à parte do Evangelho, com dois pequenos retábulos, um daquele santo e outro da Anunciação, é muito antigo e valioso; veio da antiga igreja e o outro, que com ele constituía parêlha, é voz corrente ter ardido.

O que lhe fica fronteiro, de estilo mais recente, um barroco muito simples, é dedicado ao Coração de Jesus.

Apoiados nas pilastras do arco-cruzeiro, tem uns nichos compostos de mesa e banquetas, com pretensões de altar, mas que tal não podem considerar-se.

Tem lindas e antigas imagens, como seja a do padroeiro; a mais recente, de N. S. do Sameiro, deu entrada no dia 5 de Julho de 1956, vindo processionalmente e com toda a solenidade desde o lugar de Entre-pontes. Foi obtida por subscrição entre os fregueses.

Dispõe de suficientes paramentos e vasos sagrados; quatro cruces paroquiais, sendo duas das confrarias e a mais antiga conta centenas de anos.

Há duas confrarias: a das Almas, com Breve de Pio IV, concedido em 1780, está impresso em uma táboa, forma de escudo oval, pendente no arco-cruzeiro.

A do S. S. Sacramento tem estatutos de 1794, mas foi erecta canonicamente em 1805.

Na base do cruzeiro paroquial vê-se gravada a era de 1685.

Tem uma boa residência ou presbitério, com pequeno quintal que serve de passal. «O olival do Senhor» anda arrendado por 20\$00 anuais.

Graças à saudosos benfeitores, a Igreja tem a competente instalação eléctrica. O tecto da capela-mór é guardada de pintura dos quatro evangelistas; o do corpo da igreja tem ao centro a de S. Martinho.

Existem na freguesia três capelas, sendo a última de particular.

A do *Senhor da Saúde*, no lugar de Fonte-Covas, de grande devoção na freguesia e vizinhança, foi seu fundador, em 1833, Brás António Fernandes.

Reconstruída em 1859, foi na mesma data, segundo a tradição, oferecida a actual imagem (boa escultura) pela «casa da Fonte». Inicialmente constituiu objecto de veneração um quadro que ainda se conserva, com a imagem do Senhor crucificado, dois bispos, o purgatório e parte da história da fundação da capela; completa-a um 2.º quadro, do qual se conclui que foi o filho do fundador quem deu princípio a que a devoção do Senhor crucificado prosseguisse sob a invocação de «Senhor da Saúde»; e mandou em 1871, restaurar o retábulo primitivo, e construir o côro, custeando as despesas.

Celabra-se a sua festa no 3.º domingo de Julho. Há duas dezenas de anos, aproximadamente, foi aberta uma vistosa avenida desde o recinto da igreja até junto desta capela e do cemitério, que lhe fica ao pé.

A de *Santa Marta*, no lugar do mesmo nome, supõe-se, com bons fundamentos, que é bastante antiga.

A de *Santa Ana*, atrás referida, consta que lhe foram vinculados consideráveis rendimentos e foros para manutenção e decência do seu culto, no entanto está profanada.

\* \* \*

Foi aqui o solar dos *Pereiras de Lago* «e seria o

# TRIBUNA DE VILA VERDE

Delegado: JOÃO VILELA

(Continuação da 6.ª página)

gentes com a mentalidade precisa e com os seus escritos assinados, para que à luz do dia se repusessem as coisas no seu devido pé e para que a atmosfera que ora se respira acabasse de uma vez para sempre.

De contrário, o sr. anónimo faz-nos o alto favor de nos aconselhar que prossigamos sem desfalecimento e que escrevamos sempre, mas esse incitamento é, como quem desfolha pétalas coloridas e pertumadas, sobre um noivado renovador prestes a desfazer-se!

Para se conseguir um melhor nível literário, será preciso estabelecer a especialização, ou seja em certa maneira a produção especializada, no meio Vilaverdense, onde, a meio da sua depressão social, urge lançar o apelo, para, com um esforço e um sacrifício maior, se fazer face à ofensiva dos que se julgam grandes, e que de facto, são, grandes pequenos.

A ideia dos nossos escritos, não foi recebida com grande entusiasmo. Ainda aqui, e neste capítulo e com as cautelas possíveis, os émulos de Vila Verde não podem esconder que temos razão no que afirmamos e a afirmá-lo está a forma como somos olhados de soslaio e cumprimentados com certa relutância. Que nos desculpe quem de direito, a forçada necessidade de termos enveredado por este caminho a que alguém com o seu sorriso também nos forçou! E tudo isto, para chegar a que conclusão? Os resultados estão à vista.

E a terminar, pedimos ao nosso anónimo, que nos procure; que colabore com o Delegado de «Tribuna de Vila Verde»; que nos diga o seu nome, que nós prometemos guardar o máximo sigilo, sobre palavra de honra.

Vila Verde, 14 de Agosto de 1958.

JOÃO VILELA

seu assento no lugar do Paço, circunstância a que pode atribuir-se tal designação toponímica.

Refere P. Leal que essa desaparecida torre fôra finalmente dos Queirozes de Amarante, os quais, o seu tempo, residiam em Barcelos.

O primitivo solar comum dos «Pereiras» foi na freguesia do mesmo nome, no concelho de Barcelos.

De acordo com Felgueiras Gayo dá-se uma breve resenha da família dos «Lagos» que teve o seu princípio em:

— *Gonçalo Gls de Palmeira* e sua 2.ª mulher D. Urraca Viegas; foi fundador ou bem feitor do mosteiro de Landim. De dois filhos, sucedeu-lhe:

— *Gomes Gonçalves do Lago*, rico-homem no reinado de Afonso II; foi snr. da torre do Lago, no couto de Rendufe. Casou D. Teresa Gomes, a alguns acrescentaram «de Tavariscos» e era filha de Gomes Ansur e de sua mulher Estevainha Pires da Nóbrega. Entre vários filhos:

— *Pedro Gomes do Lago*, não casou, mas teve dois filhos bastardos de Elvira Martins, de Talhavezes, aos quais legitimou.

— *João Rodrigues do Lago*, sucedeu na mesma casa e torre; c. c. D. Inês Martins do Rego, que também dizem «de Curutelo».

(Continua no próximo número)

Ex. mo Snr. João Vilela

Campo da Feira — Vila Verde

Li e apreciei imenso as suas palavras insertas na «Tribuna Livre» de 2 de Agosto, subordinadas ao título «PANORAMA SOCIAL».

Por isso, quero felicita-lo e apoiá-lo pela ideia que teve em focar «o acontecimento», tanto pela justeza e acerto do que expôs como ainda pela circunstância de eu esperar avidamente que considerações idênticas viessem a ser abordadas.

De bom grado associarei algumas palavras às suas.

Começarei por dizer que essas mentalidades baloças e envernizadas que ostensivamente evidenciam as suas habilitações literárias como títulos nobiliárquicos ou brasões são culturas estagnadas; inteligências estéreis. Vejam os porquê? Certamente, não foi pela vontade e amor que, quando estudantes, manifestaram pelos livros que alcançaram os seus diplomas, mas tão somente porque os pais sequiosos de lograram algo evidenciável como para poderem brilhar com o reflexo intelectual e social dos seus filhos lá os «empurraram» para os estabelecimentos de ensino. Isto acontece em largo escala com figuras apagadas socialmente e ansiosos de se destacarem. Assim, os pobres filhos lá se debatem e degladiam com a aridez dos livros, prova tanto mais dura e penosa quanto é certo que estes não dispõem de alicerces educacionais para encararem o estudo como aqueles que sentem predilecção por se ilustrarem.

Resultado: repassam anos e esgotam as suas débeis energias mentais, até que finalmente conseguem «arrancar» um curso forjado a «martelo» e «colado a cuspe». Ocioso, pois, será dizer que na vida prática — nas repartições públicas, por exemplo — estas criaturas são autênticas nulidades que, cónscias da sua

elevada estatura cultural (?) menosprezam e duvidam das aptidões dos outros que não passaram da instrução primária. E como se enganam!...

Infelizmente no «firmamente cultural» de Vila Verde temos um escasso escol de astros a quererem cintilar!... Veja-se o número dos que escrevem para a nossa pequena imprensa?!

O Senhor merece francos elogios porque é um dos que, embora não tendo rompido os fundos das calças nos bancos dos liceus, supera de largo muitos dos que lá andaram — digo-o sincera e despretenciosamente porque também sou dos que estudou — e reconheço-lhe bastante tendência literária.

De resto, não se convença de que são só capazes os que cursaram; a maioria deveria seguir a vocação que lhe ditasse a sua preferência — a lavoura, por exemplo.

Lembre-se dum Ferreira de Castro, um autodidacta que não tem mais do que um 2.º grau e é considerado um dos maiores escritores da actualidade; do grande romancista Alexandre Herculano e do eminente dramaturgo Bernard Shaw!

Portanto incito-o — não esmoreça — a que escreva sempre porque o senhor em Vila Verde, pode considerar-se um dos grandes...

O resto, são cérebros infrutíferos, nítidos «zeros».

Recebida em 10/8/958

## Automóveis de Aluguer

DE

José António Vieira

Carros de 4 e 6 lugares

Telef. 65130 (na residência)

Termas de Caldelas

## TELEFONES MAIS ÚTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares . . .	62119
	62141
Câmara Municipal de Amares	62121
Casa de Saúde de Amares . . .	62122
Correios { Amares . . . . .	62116
{ Caldelas . . . . .	65116
Delegação de Saúde . . . . .	62145
Farmácias { Amares . . . . .	62127
{ Feira Nova . . . . .	62124
{ Bouro . . . . .	3863
{ Caldelas . . . . .	65121
Guarda Republicana — Amares	62115
Hospital S. Marcos — BRAGA . .	18
Amares . . . . .	62120
Feira Nova . . . . .	62117
Bouro . . . . .	3867
Postos Públicos { Caldelas . . . . .	65120
{ Entre Pontes . . . . .	7119
{ Goães . . . . .	3862
{ Rendufe . . . . .	7117
{ Sequeiros . . . . .	65137

Lede e assina!  
«Tribuna Livre»



## VILA REAL, QUE TÃO LINDA ÉS...

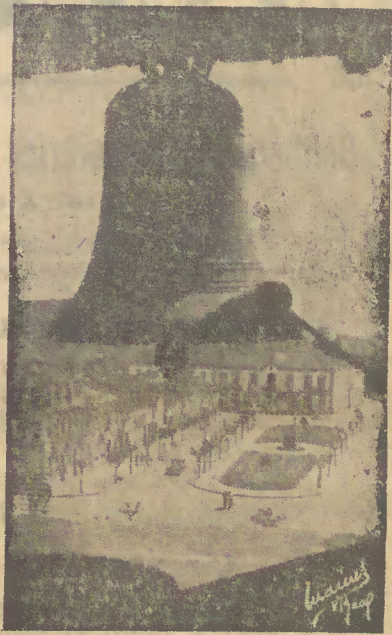
(Continuação da 1.ª pág.)

dos Mateus, Igreja de S. Domingos, os fragmentos do pelourinho que a Câmara recolheu, a torre de Quintela, os pelourinhos de Lordelo e de Galegos, a capela de S. Braz com o túmulo de Teixeira de Macedo, as fragas de Panoias, etc.

Nos restantes concelhos do distrito teríamos muitos dispersos por Alijó, Boticas, Chaves, Mesão Frio, Mondim de Basto, Montalegre, Murça, Peso da Régua, Ribeira de Pena, Sabrosa, S.ta Marta de Penaguião e Valpaços.

E porque não citar, à sorte e ao de leve, alguns dos seus filhos mais ilustres, cujos nomes e feitos a História recolheu já?

Ei-los:— General Alves Focadas, D. Manuel Vieira de Matos (Arcebispo de Braga) e D. João Rebelo Cardoso de Meneses (Arcebispo de Larissa e Mitilene), os beneméritos Francisco e José Rodrigues de Freitas, os jornalistas Adelino Samardã, P. e J. M. Alves Torgo e Augusto César, Monsenhor Jerónimo Amaral (do solar Mateus), Frei Simão Correia (séculos XVI e XVII), D. João de Sousa Botelho Moura (morgado de Mateus), D. José Maria de Almeida e Araújo Correia de Lacerda (grande fidalgo e benemérito, varão de insigne talento), D. Luis Alves de Figueiredo (Arcebispo da Baía), Frei José da Virgem Maria, S. Frutuoso (advogado contra a hidrofobia, martirizado pelos romanos), Diogo Cão (ilustre navegador do séc. XV), Alvaro Lobo (jesuíta e professor de Filosofia), Filipe José Nogueira Coelho, Dr. Francisco Sales da Costa, Dr. Francisco Inácio P. a Rubião, João Bap-



Av. Carvalho Araújo — a sala de visitas de Vila Real

tista Ribeiro, Dr. Francisco Xavier Teixeira de Mendonça (mártir nas masmorras da Junqueira, por ordem do Marquês de Pombal), Dr. José de Azevedo Castelo Branco (sobrinho do romancista), Pedro Teixeira (nome semi-legendário no Amazonas), D. Pedro de Castro — protonotário apostólico, um dos maiores beneméritos

## Tribuna DE Vila Verde

Delegado: JOÃO VILELA

### PANORAMA SOCIAL

Temos sobre a nossa mesa de trabalho, uma carta anónima, que pelo seu arrasado, não resistimos à tentação de lhe dar publicidade, porque ao contrário das cartas anónimas «soalheiras» e «porcas» que causam a repulsa das pessoas bem formadas, esta, é de incitamento a continuidade desta secção.

Todavia, algumas versões que, por vezes, mais nos parecem traduzir um voto ou um desejo, do que interpretar uma verdade — e esta carta está

neste caso, ao que recentemente foi escrito, depois de convenientemente analisado, deixa-nos a impressão, de que, pelo menos, a verdade, também poderá andar por esses caminhos tortuosos e labirínticos.

Ora, se o nosso ilustre anónimo, como parece ser verdade, está de posse de profundo conhecimento das coisas que escrevemos, quer dos nossos pensamentos, quer dos seus desígnios, mesmo com respeito à satisfação das ambições dos

de Vila Real, fundador do templo de S. Pedro, da Capela de Sta Margarida (hoje de S. Lázaro), da ponte de S.ta Margarida, da capela de S. Sebastião, da Igreja da Misericórdia e do chafariz do Tabolado. E fiquemos aqui por termos de techar uma série de varões ilustres, cuja lista é infinda.

Vila Real foi elevada à ca-

tegoria de cidade pela lei n.º 1804, em 20 Julho de 1925. Lá do Calvário, a 462 m. de altitude, divisa-se linda paisagem, sendo a linha de elevações cortada pelo Corgo que, através do seu vale, permite divisarmos terras de Lamego e de Penajoia.

O terreno, caprichosamente acidentado, rochas, as águas dos rios Corgo e Cabril, o casario

outros, não pode ignorar também, que é pouco airoso fazer o elogio de outrem, quer mereça ou não tal elogio, numa carta cheia de prosa, e da boa, sem assinatura.

Não me desagradaria que o nosso anónimo pudesse continuar a encher o nosso arquivo destas reais verdades; mas em boa rasão, também não deve desconhecer que, a causa aqui debatida, carece de uma direcção, melhor digamos de diri-

Continua na 4.ª página

em anfiteatro, os edificios monumentais, dão a Vila Real um motivo de turismo, e emprestam ao viajante constantes e atraentes surpresas. As suas ruas, cheias de sole limpeza, contam nas suas áleas prédios modernos. Lá está o Seminário, o Governo Civil, os Paços do Concelho, o aquartelamento dos Bombeiros e o novo Quartel de Infantaria, etc. Há inúmeras casas brasonadas a recordar-nos nobres famílias. Quem percorrer a cidade, polícroma e alegre, deliciar-se-á ali a vista nos seus modernos jardins, evocará as nossas Descobertas, os nossos feitos de Guerra e o fulgor das letras pátrias na Casa de Diogo Cão, no monumento a Carvalho Araújo e perante o busto de Camilo.

Sucedem-se aos gostos de cada um os motivos de admiração.

— Vila Real que tão linda és... tens o Corgo aos pés em adoração!!!

Paradela do Rio, Agosto de 1958

B. Carvalho Ribeiro

#### AOS ASSINANTES DO ESTRANGEIRO E ULTRAMAR

Chamamos a atenção dos nossos assinantes do Estrangeiro e Ultramar, para a nova tabela de preços de assinaturas, pela qual poderão ver que foi feita uma considerável redução a partir do segundo semestre do corrente ano. Esta iniciativa de redução de preços fez-se com o intuito de mais rápida expansão do nosso semanário e esperamos ser ajudados por todos os conterrâneos ausentes a conseguir esta finalidade. Muito agradecemos que os assinantes que receberam listas, as devolvessem preenchidas com os no-

Ultramar e Brasil	
(Via marítima)	
Semestre . . . . .	30\$00
Ano . . . . .	60\$00
(via aérea)	
Semestre . . . . .	75\$00
Ano . . . . .	150\$00
Estrangeiro:	
(via marítima)	
Semestre . . . . .	40\$00
Ano . . . . .	80\$00
(via aérea)	
Semestre . . . . .	90\$00
Ano . . . . .	180\$00

mes de conterrâneos nossos, para fazermos a devida propaganda junto dessas pessoas, aproveitando esta baixa de preços.

Também se espera a maior diligência no pagamento de assinaturas em atraso, para podermos manter estes preços, sem esquecer que o pagamento é adiantado, como em todos os jornais. DEVE COMPREENDE-SE QUE O JORNAL É DE TODOS OS ASSINANTES E QUE, SÓ COM O SEU AUXÍLIO, SE PODERÁ MANTER E BNGRANDECER.

Folhetim da Tribuna Livre,, 82

## SEMPRE NOIVOS

Por Porfírio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Logo que chegou a casa chamou a mulher e contou-lhe o que havia presenciado, apostrofando os caseiros de gulosos, pois comiam as lambarices que se destinavam às crianças, mas principalmente ao seu filho.

— De hoje em diante ficas expressamente proibida de mandar mais alguma coisa para a quinta do Vale, pois o nosso filho tem muito tempo de comer coisas doces quando regressar a esta casa.

Era o que faltava!

Eu a coibir-me de comer essas coisas para não gastar dinheiro e os caseiros a comê-las a coberto do nome do nosso filho!

Que comam papas e pão de milho — pois se uma coisa e outra fazem bem às crianças também fazem bem aos adultos, a êles!

A D. Leopoldina, intimamente achou graça, mas limitou-se a dizer, para contemporizar com o marido, que dali para o futuro não mandaria mais nada.

A verdade, porém, é que duplicou o volume e o número das encomendas, pois, segundo pensava, o que era destinado a três crianças, de tenra idade, não era suficiente para dois adultos.

E dali em diante, às escondidas do marido, os mimos, em maior quantidade, eram acompanhados de alguns acepipes, com muita satisfação do caseiro José.

O Pedrinho, ao fim de um ano de efectiva permanência em casa dos caseiros parecia outro; corado, crescido e traquina, como qualquer criança normalmente constituída e desenvolvida.

A mãe rejubilava de intensa alegria por ver o seu filho assim e os caseiros tornaram-se credores da sua grande simpatia e admiração e da sua profunda e sincera amizade, principalmente, a Maria Teresa.

Mas para acalmar os nervos do marido e para pôr termos às constantes questiúnculas, deu por finda a estadia do Pedrinho na quinta do Vale e foi buscá-lo.

— Maria Teresa, nunca me poderei esquecer do que você e o José fizeram pelo meu filhinho.

— Minha senhora, nada tem que nos agradecer!

O Pedrinho é uma encantadora criança e êles e os meus filhos mereceram-me, sempre, a mesma atenção e os mesmos cuidados.

Eram três crianças que comiam e brincavam juntas e nunca houve entre êles a mais insignificante discordância, a mais pequena bulha; deram-se, sempre, muito bem.

Quando a senhora D. Leopoldina quiser e puder, eu e o meu marido agradecemos-lhe muito que traga cá, de vez em quando, o Pedrinho para o vermos, pois ganhámos-lhe amizade, como se fora o nosso filho, e para brincar um pouco com o Marinho e a Zaidinha.

— Sim, Maria Teresa.

(CONTINUA)

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

CALDELAS